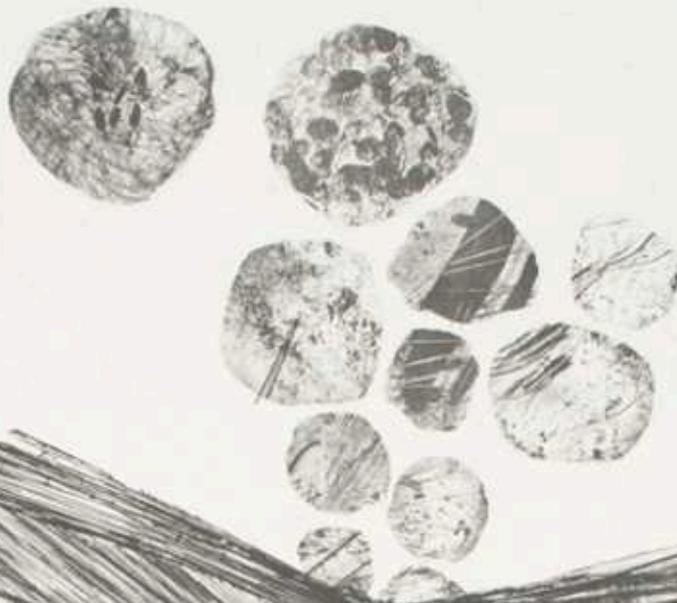




# MEMÓRIAS DOCENTES

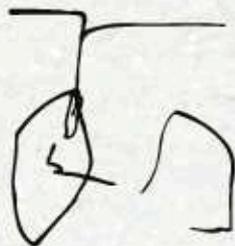
*em tempos de quarentena*





# MEMÓRIAS DOCENTES

*em tempos de quarentena*



Fundação Iberê

## **CONSELHEIROS**

Jorge Gerdau Johannpeter

*Presidente*

Arthur Bender Filho

Beatriz Bier Johannpeter

Fernando Antônio Lucchese

Fernando Luís Schüler

Hermes Gazzola

Jayme Sirotsky

Lia Dulce Lunardi Raffainer

Nelson Pacheco Sirotsky

Renato Malcon

Rodrigo Vontobel

Wagner Luciano dos Santos Machado

William Ling

## **Conselho Fiscal**

Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna

Gilberto Schwartzmann

Heron Charneski

Pedro Paulo Oliveira de Sá Peixoto

Ricardo Russowsky

Volmir Luiz Gilioli

## **Diretores**

Mathias Kisslinger Rodrigues

*Diretor-Presidente*

Antônio Augusto Pinent Tigre

*Vice-Presidente*

Anik Ferreira Suzuki

Carlos Cesar Pilla

Daniel Skowronsky

Ingrid de Kroes

Justo Werlang

Patrick Lucchese

Pedro Domingues Chagas

## **EQUIPE**

### **Diretor-Superintendente**

Emilio Kalil

### **Superintendente-executivo**

Robson Bento Outeiro

### **Secretária Executiva**

Luciane Zwetsch

### **Comunicação e Imprensa**

Roberta Amaral

### **Design e Plataformas Digitais**

Arthur Marques

José Kalil

### **Programa Educativo**

Gabriel Farias, mediação

Lêda Fonseca, consultoria pedagógica

Larissa Fauri, coordenação

Kailã Isaías, mediação

Carolina Kneipp, mediação

### **Acervo/Ateliê de Gravura**

Eduardo Haesbaert

Gustavo Possamai

### **Administrativo/Financeiro**

Carolina Miranda Dorneles

Guilherme Collovini, assistente

### **Consultoria Jurídica**

Silveiro Advogados

### **Gestão do Site e TI**

Machado TI

### **Produção**

Thiago Araújo

### **Conservação e Manutenção**

Lucas Bernardes Volpato, consultor

Arnaldo Henrique Michel

Jonathas Rosa dos Anjos, assistente

### **Receptivo**

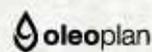
Henrique Ferrari



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA. EM 2020, AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS.



GRUPO **GPS**



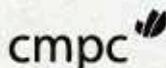
IBERÊ NAS ESCOLAS | PORTO ALEGRE

IBERÊ NAS ESCOLAS | GUÁIBA

PROGRAMA EDUCATIVO



Prefeitura de Porto Alegre

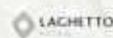
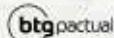
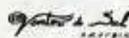


GUAIBA

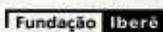


GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA CULTURA

APOIO



REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA  
MINISTÉRIO DO TURISMO





Agradecemos aos professores que nos confiaram suas palavras por meio de cartas. A participação generosa de cada um foi essencial na construção dessa voz coletiva que aqui se encontra. Agradecemos também à Deborah Fischer pela curadoria das cartas, bem como aos colaboradores da Fundação Iberê, especialmente à equipe do Programa Educativo.

*Autores das Cartas*

Álvaro Benvenuto Júnio  
Bernadette Baldi  
Carolina Gomes Fleck  
Débora da Rosa de Oliveira  
Gabriela Sartori Rimoldi  
Giselle Reis Antunes  
Gustavo Leonardo Petter  
Hairlaine Treici Freitas  
Jailson Valentim dos Santos  
Karen Elisa Hass  
Karen Yumi Shiraishi  
Karla von der Osten Leonardo Pereira  
Ketlin Kroetz  
Leticia Maia Paranho Paredes  
Marlise Buchweitz  
Mônica da Silva Gallon  
Neiva Araújo  
Taís Ritter Dias  
Thais Hohl  
Vitória Moro Bombassaro

# ARTE-EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

**D**esde a sua inauguração, em 2008, a Fundação Iberê vem apostando em ações e atividades educativas para todos os públicos e idades. A excelência do seu Programa Educativo está na formação contínua de mediadores, responsáveis por recepcionar os visitantes, guiá-los pelas exposições e instiga-los à reflexão sobre o que se esconde atrás de cada obra, em ir além do que os olhos são capazes de absorver. Eles também respondem pelas oficinas e pelos encontros sobre temas ligados à arte e à cultura.

Em função da pandemia do Covid-19, o Educativo teve que se reinventar. A partir da investigação de diferentes formatos e tecnologias, foram desenvolvidos projetos que visam criar pontes que ultrapassam qualquer distância, reunindo pessoas de todos os lugares do Brasil.

O isolamento social, na verdade, aproximou ainda mais a Fundação da sociedade. Em sete meses, as atividades virtuais reuniram mais de 47,2 mil pessoas em 25 oficinas como: desenho, pintura, escrita criativa e de memórias registradas neste livro. Também envolveu mais de 44,4 mil pessoas de várias partes do mundo em lives.

Vivemos um novo tempo. Tempo este que a arte mostrou o seu propósito: trazer conhecimento para passar por novas experiências sem perder a esperança.

Se você está lendo este texto, já tem motivo para sonhar.



# SUMÁRIO

Introdução.....	12
Por quê escrever cartas em tempos de pandemia?.....	14
Da subjetividade das cartas.....	15
A chegada da quarentena.....	17
Cotidiano transformado.....	25
Educação em diferentes contextos.....	30
O lugar do cuidado na educação.....	37
Lista de imagens.....	48



# INTRODUÇÃO

**E**sta publicação busca compartilhar as cartas enviadas por docentes à Fundação Iberê por meio do projeto Memórias Docentes em Tempos de Quarentena, desenvolvido pelo Programa Educativo da Fundação Iberê. Para sua execução, convidamos professores a escreverem cartas movidos pela pergunta: “o que você professor(a) não quer esquecer desta pandemia?”.

Devido aos fortes laços que nossa instituição cultiva com escolas, instituições de ensino e seus professores, nossa principal motivação com esta indagação era, além de fortalecer esse vínculo, criar um canal de diálogo sobre as memórias que se constroem durante esta situação inesperada. O que teriam os professores a dizer sobre o que os acontecia? Pedimos, então, cartas. Cartas virtuais, escritas no computador e enviadas via

email. Aos poucos, foram chegando uma a uma, construindo assim um lindo acervo de memórias.

Por meio deste conjunto de narrativas intenta-se compreender as rotinas, os desafios e os aprendizados dos docentes neste período marcado pelo isolamento social. A proposição para elaboração de cartas a respeito da atual situação, com enfoque especial no cotidiano das relações de ensino-aprendizagem, surgiu a partir da compreensão da singularidade deste momento histórico. As cartas tratam da recomposição do público e do privado, uma vez que, com as escolas interditadas, nossas casas tiveram que se adequar às demandas de trabalho. Estes escritos também nos oportunizaram entender quais práticas educativas estão sendo colocadas em curso com o auxílio das plataformas virtuais.



Por comporem um modo de escrita mais pessoalizado, as cartas testemunham ainda os sentimentos, as interações, os engajamentos políticos e apresentam autorretratos, ou seja, a maneira pela qual os docentes veem a si mesmos. Ao todo, o projeto reuniu escritos produzidos por educadores de várias partes do Brasil, de diferentes áreas do conhecimento, tanto da educação básica como do ensino superior. Nas páginas a seguir você encontrará as cartas selecionadas pela equipe da Fundação Iberê e pela curadora convidada Deborah Fischer, participante do grupo de pesquisa Arteversa e coordenadora pedagógica da Escola Projeto. Ao todo foram selecionadas todas as 20 cartas recebidas entre 15 de maio a 10 de junho de 2020, das quais metade se encontram aqui apresentadas na íntegra, e a outra

metade, em fragmentos. Dedicamos este material a todos que vivem os desafios de ser docente no tempo presente. Ademais, esperamos que a compilação dessas cartas possa alcançar e contemplar, por fim, leitores interessados em conhecer este momento histórico tão significativo para todos nós.

*Boa leitura!*

*Programa Educativo.*

# POR QUE ESCREVER CARTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA?

*Tudo começou com um convite "Tu farias uma live para a Fundação Iberê, falando sobre a escrita de cartas no lançamento de um novo projeto que pergunta o que as pessoas não gostariam de esquecer destes tempos de pandemia?"*

*Respondi na hora: "Sim! Claro!". Mas em seguida me peguei pensando: "Espera aí, em um momento em que está tão difícil pensar e suportar o que temos vivido; em que buscamos de todos os modos superar, ou até mesmo esquecer a dor e a tristeza causadas por uma pandemia que nos colocou em confinamento e que nos tira, diariamente, o que talvez mais nos alimenta a viver, que é o contato com o outro, o toque, o carinho, a interação, a Fundação me convida para falar sobre escrita de algo que não queremos esquecer?"*

*Confesso, deu um giro no meu pensamento. Porém, rapidamente, entendi a força que poderia ter essa escrita, ainda mais sendo ela feita por meio de cartas. Por que digo isso? Agora sou eu que faço um convite. Convido você a vir comigo em uma breve, porém longa viagem. Uma viagem ao mundo das cartas, esse texto que existe desde muito tempo e que pertence ao gênero chamado « epistolar ».*

*Há registros de cartas escritas no início da Era Cristã, quando filósofos e intelectuais, como Sêneca e Marco Aurélio, utilizavam-se das trocas de cartas tendo como princípio pensar a vida de forma prática, em sua finitude, e falar da vida de um modo que não se costumava falar. A vida em sua brevidade. A vida em sua forma mais cotidiana.*

*Neste sentido, o que não quero esquecer desses tempos de pandemia pode ser um convite a falar sobre a vida de um modo que, quem sabe, ainda não tenhamos falado. Afinal, a finitude nunca se mostrou tão perto de nós como agora, quando vivemos uma pandemia mundial, de proporções catastróficas. Talvez este seja o momento de entendermos a importância da passagem do tempo no presente, de vivermos o tempo como marca de nossa presença. Escrever cartas é uma forma de entrega, de tornar presente quem escreve. Um modo de me manifestar para o outro, oferecer algo de mim, me expor. É um mostrar-se, compartilhando intensidades, alegrias, medos, inseguranças, dúvidas, angústias, (in)certezas. Palavras que cabem tão bem nesses tempos em que fomos e estamos parados... por um vírus.*

*E o que levaremos disso tudo? O que guardaremos em nossas memórias? Que gestos simples ou grandiosos estarão narrados nas cartas de quem aceitar esse convite? Que modos de vida poderão ser mostrados nessas escritas? O que podemos aprender com uma pandemia? Agradeço, então, o convite da Fundação Iberê. E agradeço, especialmente, a possibilidade de abrir espaços para que mais pessoas possam estar juntas, aproximando-se pela palavra, pelo afeto e pela presença que esse tipo de texto permite. Que tenhamos uma ótima viagem ao mundo compartilhado de quem, neste momento, encontra-se a distância.*

Porto Alegre, 7 de julho de 2020.  
Deborah Vier Fischer

# DA SUBJETIVIDADE DAS CARTAS

Carta do Gustavo Petter, de Araçatuba/SP

*"Querido leitor,*

*os livros que compilam correspondências ocupam lugar especial em minha estante. Há o de cartas trocadas entre Iberê Camargo e Mário Carneiro, Jack Kerouac e Allen Ginsberg, Simone de Beauvoir e Nelson Algren, as de Paulo Freire.*

*Há em mim prazer por ler cartas. Admiro a relação entre remetente e destinatário, que exige dedicação. É diferente o tempo que rege a sua composição, não é possível fazê-la simultaneamente com outra ação. Estamos já habituados com a praticidade, caminhamos enquanto enviamos ou mandamos alguma mensagem, e assim intercalamos nossos deveres cotidianos. Mas a carta requer do escritor entrega. O tempo da escrita pode ser conciliado apenas com reminiscências, pensamentos, saudades que os une ao futuro leitor. O tempo da carta não flui veloz.*

*A palavra escrita sobrevive ao escritor. E não apenas as dos intelectuais, toda carta documenta o elo entre duas vidas, e merece ser guardada com carinho. Então, não há meio mais adequado para expressar o que se sente nesta realidade inimaginável até pouco tempo atrás. A quarentena é passageira, mas não efêmera, ficarão marcas, tanto rastros quanto cicatrizes. Há experiências dolorosas, angustiantes, próprias da atmosfera que a doença impõe sobre a vida. Mas também há contrapartida, as respostas corajosas, plenas de esperança e resistência que a vida alimenta em nós. É desse campo luminoso que colho a experiência permanente que carregarei além da pandemia.*

*O período de afastamento entre professor e aluno reafirmou a essência do trabalho docente: a relação com o educando. Nada supre o encontro dos olhares enquanto se trocam palavras. Ler os sentimentos na superfície do olhar. A insatisfação com injustiças que um tema posto em discussão provoca. As ideias tão acesas prometendo salvar o mundo. A coragem ingênua e intensa.*

*A retomada do cotidiano, ainda que em uma normalidade diferente, não terá força para esmaecer o elo restabelecido, semelhante ao do leitor com o escritor, que revive a emoção de cada palavra semeada na página que viajou ao seu encontro.*

*Fique bem, querido leitor, e guarde com carinho essa carta, ela testemunha o que vivi e senti em um período que entrou para nossa história.*

*Do professor e amigo".*

Receber cartas de uma pessoa desconhecida é um privilégio que nos remete a outros tempos. Tempos em que os livros eram somente em papel e a comunicação mais veloz era aquela advinda do correio. Contrapondo o inusual nesse tipo de escrita, convidamos professores a nos escreverem cartas online. Estas não eram de papel e nem chegaram pelo correio, mas carregavam em suas palavras toda a potência e a emoção de nos colocar em contato com os autores e autoras nesse antigo gênero de escrita. Mário Carneiro, Hélio Oiticica, Lygia Clark, Anna Maria Maiolino foram alguns artistas contemporâneos a Iberê Camargo que pensaram sobre o seu tempo por meio da escrita de cartas com seus amigos e correspondentes. Hoje podemos descobrir mais sobre a época deles: por onde andavam, seus ideais, vidas amorosas e conflitos internos, apenas lendo as palavras no papel. As cartas possuem essa capacidade de se metamorfosear como uma extensão do sujeito autor. Elas não são omissas de autoria, mesmo quando quem a escreve as assina como “anônimo”.

O texto de uma carta evidencia quem está por trás da caneta ou, neste caso, do computador. A marca da autoria muda toda a nossa relação com o texto, compõe um elo, como diz o professor Gustavo. Um elo de confiança e de atenção, que faz do remetente um confidente dessa mensagem tão carregada de gente, que é a carta.

Gustavo também fala sobre um tempo alongado de leitura, necessidade das cartas. Elas nos implicam, nos convocam, falam diretamente conosco, e por isso é preciso tirarmos os óculos dos nossos pré-conceitos para lê-las. Os professores que nos enviaram seus relatos partem de diferentes realidades do Brasil: do interior do Rio Grande do Norte ao interior do Rio Grande do Sul; dos ensinos superior, médio e fundamental; nas modalidades EJA e ensino regular e na educação infantil, das redes públicas e privadas, com ou sem aulas remotas. A diversidade dos relatos não só torna o texto muito mais plural, mas também nos leva mais longe no entendimento de como está sendo gerida a pandemia nestas diferentes realidades.

# A CHEGADA DA QUARENTENA

O contexto em que as cartas foram elaboradas caracterizou-se por sua repentina ruptura para com as dinâmicas já conhecidas no dia a dia das escolas, na qual imperavam as aulas presenciais, recreios, merendas, celebrações de datas comemorativas, provas, conselhos de classe, etc. Com a chegada do coronavírus, o isolamento social tem sido prescrito pelas autoridades sanitárias como um procedimento indispensável para evitar uma onda de contaminação. Sob essa nova diretriz, as relações entre as pessoas, que eram estabelecidas em espaços específicos como a escola, foram ressignificadas.

O coronavírus instaurou um ritmo temporal diferenciado, abalando a rotina de pessoas espalhadas por diferentes espectros do globo. A princípio, o vírus foi primeiro detectado na cidade chinesa de Wuhan (China) que teria tido seu surto inicialmente abafado pelas autoridades governamentais, que pensaram poder reverter a situação antes que ela saísse do controle. Todavia, a doença

se alastrou rapidamente, chegando à Tailândia, Japão, Vietnã, Singapura, Estados Unidos, França, Austrália, Itália, Brasil, entre outros países. A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou, em 11 de março de 2020, que se tratava de uma pandemia. Veremos a seguir os trechos das cartas enviadas por Débora, Karen e Mônica e a carta de Neiva, que contam como foram tomando consciência da situação.



### **Trecho da carta da Débora da Rosa de Oliveira, de São Leopoldo/RS**

*“(...) A chegada da existência de um vírus circulando na China, seguido da hipótese de uma quarentena, se estabeleceu em minha vida no final de fevereiro. Lembro-me do meu filho Nicolas, pedir ajuda para fazer um trabalho de pesquisa sobre o coronavírus. Lendo as notícias com ele, não fiquei tão apreensiva, pois, o vírus estava tão longe... Lá na China. (...) Me sentia aliviada em estar longe no meu país, e que certamente não chegaria ao meu lar (...). Logo a notícia sobre o vírus estava batendo em minha porta (...)”*

### **Trecho da carta da Karen Yumi Shiraishi, de Londrina/PR**

*“(...) A notícia chegou de repente, como se uma tempestade estivesse chegando de longe e devagar. A última vez em que olhei para ela em fevereiro parecia que nem chegaria, mas veio devastadora (...)”*

### **Trecho da carta da Mônica da Silva Gallon, de Porto Alegre/RS**

*“Pairava no ar as histórias que vinham do outro lado do mundo. Há semanas a China vinha colapsando com a então epidemia, que levou cidades inteiras ao fechamento de escolas, comércio e fez com que as pessoas permanecessem em suas casas em isolamento por tempo indefinido. As notícias levavam-nos a acreditar que a doença era uma coisa séria, porém, para nós, do outro lado do mundo, parecia mais um roteiro de filmes de ficção. Aos poucos, o cenário foi se modificando, a doença avançou rapidamente pela Europa, devastando países como Itália e Espanha, levando milhares de famílias ao desespero de perder alguém querido e nem ao menos poder se despedir. Eis que o que era uma epidemia transmutou-se a uma pandemia. Casos de doentes rapidamente se espalharam pelo Brasil, as autoridades passaram a fechar escolas e universidades (...)”*

## Carta da Neiva Araújo, de Ji-Paraná/RO

### "A CERTEZA DAS INCERTEZAS

*Medo, incertezas, o corpo a corpo entre docentes e discentes, o olhar amistoso ou até mesmo aquele desatento que se distrai e se perde em meio à explicação. Sentimentos do cotidiano do ensino que ganham novos contornos em meio à pandemia. Ora, todo docente sente um friozinho na barriga ao enfrentar uma turma pela primeira vez, tal sensação não diminui nem mesmo com o acúmulo dos anos de docência. A relação docente-discente é feita de incertezas.*

*As incertezas fazem parte do cotidiano de professores, afinal, nunca sabemos se a relação em sala de aula será tranquila ou conturbada, se a sua disciplina será adorada ou detestada, se haverá ou não uma sintonia para o desempenho das atividades, que seguem um cronograma, que nem sempre é compreensivo com os desejos nascidos na sala de aula.*

*Aqueles que não têm contato com a docência por vezes perguntam se 'é difícil saber se alunos compreendem ou não o que você está falando'. Que nada! Essa talvez seja a parte mais tranquila na vida de quem assume a linha de frente em uma sala de aula. Em poucos encontros é possível saber quem se dedica, quem está ali para cumprir tabela, quem gostaria de estar conectado ao que é dito, mas é levado para lugares distantes da sala de aula que o impedem de se conectar, simplesmente porque a vida não é segmentada como costumamos imaginar que ela seja.*

*A vida real mistura tudo e até dificulta a conexão e a desconexão, afinal, somos humanos e não temos botões que ligam ou desligam pensamentos e sentimentos. E a falta desses botões traz à tona a discussão quanto a outras conexões, aquelas virtuais que vieram de um modo violento ao cotidiano educacional em tempos de pandemia.*

*Ora, já haviam tratativas sobre 'adaptar' ou 'precarizar' o ensino com ferramentas que buscavam ampliar o ensino à distância, não necessariamente com qualidade. A pandemia pode ter acelerado tal projeto e alterado drasticamente as relações de trabalho e a dinâmica do ensino. Tudo isso traz incertezas sobre o futuro, como serão as relações, como será o mercado de trabalho aos que buscam se firmar em meio a tantos poréns, e àqueles que sequer ingressaram nessa loucura que é buscar um lugar ao sol.*

*Em meio a tantas mudanças que se anunciam, professores serão descartados por robôs humanos que repetem e alunos que apenas consentem, sem aquelas discussões calorosas, sem parênteses para outros assuntos que surgem por motivos diversos. Sala de aula é um espaço de formação de humanos e não apenas para passar informação, até porque o conhecimento é construído com fórmulas flexíveis e não com mecanismos 'mágicos'.*

*Diante de tantas perguntas que insistem em nos cercar, há apenas uma certeza: de incertezas e de tempos incertos, em que não saberemos se voltaremos a ter aquele olho no olho e corpo a corpo. Em tempos estranhos, percebemos que vivíamos cercados de um ego que sabia do futuro, que tinha planos e muitas programações, mas que no fundo nada ou muito pouco sabia realmente. Bem vindos ao mundo das incertezas, onde apenas a saudade do que vivemos ou planejamos viver parece ser perene, diante desse castelo de cartas que desaba".*

**N**os relatos, percebemos como a pandemia passou de algo apartado da realidade dos escreventes, algo localizadôlá “do outro lado do mundo”, para se tornar próximo. Sua chegada trouxe inconvenientes e exigiu transformações no modo de se viver. Antes de adentrarmos no terreno destas mudanças, convém compreender o que é o coronavírus.

O Covid-19 é um novo tipo de vírus respiratório, facilmente transmissível e que apresenta sintomas como febre, tosse e falta de ar. No início, sabíamos que seu contágio se dava principalmente pela aproximação com pessoas infectadas através de espirros, tosse ou contato pessoal. Hoje, ainda em um momento crítico da pandemia, uma vez que o Brasil se tornou um dos epicentros da doença, sabemos que o vírus permanece em superfícies e não atinge apenas os mais velhos ou pessoas com doenças crônicas. Em função do vírus ser desconhecido, as investigações sobre ele ocorrem em paralelo à sua propagação. As primeiras suspeitas de pessoas infectadas no Brasil foram noticiadas em

fevereiro de 2020. Embora crescesse o número de mortes em outros países, a mídia, o governo brasileiro e alguns médicos chamavam a atenção para a necessidade de não se criar um cenário de caos e pânico generalizado. Nessa época, a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) enquanto referência no auxílio às pessoas de classes sociais menos abastadas foi vigorosamente afirmada. Os debates que nos rondavam voltavam-se para estratégias que visavam a não sobrecarga do SUS e compra de materiais de proteção para as equipes de saúde. Os analistas consideravam que o Brasil estaria melhor preparado para a chegada do vírus, tendo em vista que teríamos as experiências de outras nações como exemplo do que deveríamos ou não fazer diante de um fenômeno como este.

Discussões acerca da doença trouxeram à tona expectativas e prognósticos sobre como seria o desenvolvimento da Covid-19 em terras brasileiras. Em princípio, narrativas que desconsideravam a gravidade do vírus se tornaram comuns. Em meio a essas primeiras narrativas





encontramos dois grupos: os céticos e os cautelosos. Os céticos não acreditavam no potencial destrutivo do vírus, pensavam, inclusive, que ele poderiam ser fruto de uma armação midiática geradora de histeria. Os cautelosos não negaram o problema, entendiam que o comportamento do vírus poderia ser colocado em paralelo ao de outras viroses cujos surtos naturalmente deixaram de se sustentar entre a população conforme o organismo humano foi encontrando formas de combatê-las. Os cautelosos entendiam que era necessário ter cuidados básicos de higiene. Neste ponto, o ministério da saúde aconselhava o isolamento voluntário e pedia que as pessoas evitassem aglomerações. Como estávamos diante de um vírus novo, nomeado como Sars-cov-2, a inquietação coletiva incitava os cientistas a elaborarem respostas rápidas. Foram criados grupos de pesquisa em várias partes do mundo a fim de estudar o vírus e elaborar uma vacina. Todavia, produzir pesquisas desse tipo é algo que leva tempo. A incompreensão abriu outro precedente: a difusão de notícias falsas,

com receitas que prometiam a imunidade ou a cura. O montante das chamadas Fake News tomou tamanha proporção que a OMS afirmou estarmos vivendo uma pandemia e uma infodemia, em função da generalização de explicações sem o respaldo científico por meio das redes sociais. Além de confundir a sociedade e desvalorizar o conhecimento científico, a profusão de conteúdos desinformativos colocou em risco a saúde física e mental das pessoas. Nesses dias, vimos uma corrida aos supermercados, a perspectiva de um provável isolamento social obrigatório estava pairando sobre a mente dos brasileiros e falava-se na possibilidade de desabastecimento. Os professores que encaminharam suas cartas caracterizaram a situação histórica como um tempo estranho, de medo, angústia e incerteza. A razão para o emprego desses adjetivos justifica-se na sensação de impotência que assolava a todos. A possibilidade de comprometer a própria vida, a de amigos, familiares e até mesmo de sujeitos que nos são anônimos, colocou em perspectiva a noção do cuidado de si e com o próximo.

Se, de um lado, observávamos o impulso individualista como nas corridas aos supermercados, de outro, víamos brechas para o florescimento da solidariedade humana. A quarentena foi se instituindo de maneira gradativa. A televisão, os jornais, a rádio e demais mídias contribuíram para esclarecer as informações, desmascarando as fake news. Como recurso para a prevenção contra a pandemia destacou-se a importância do trabalho em casa, medida que foi adotada por várias instituições, dentre elas as escolas públicas e privadas.

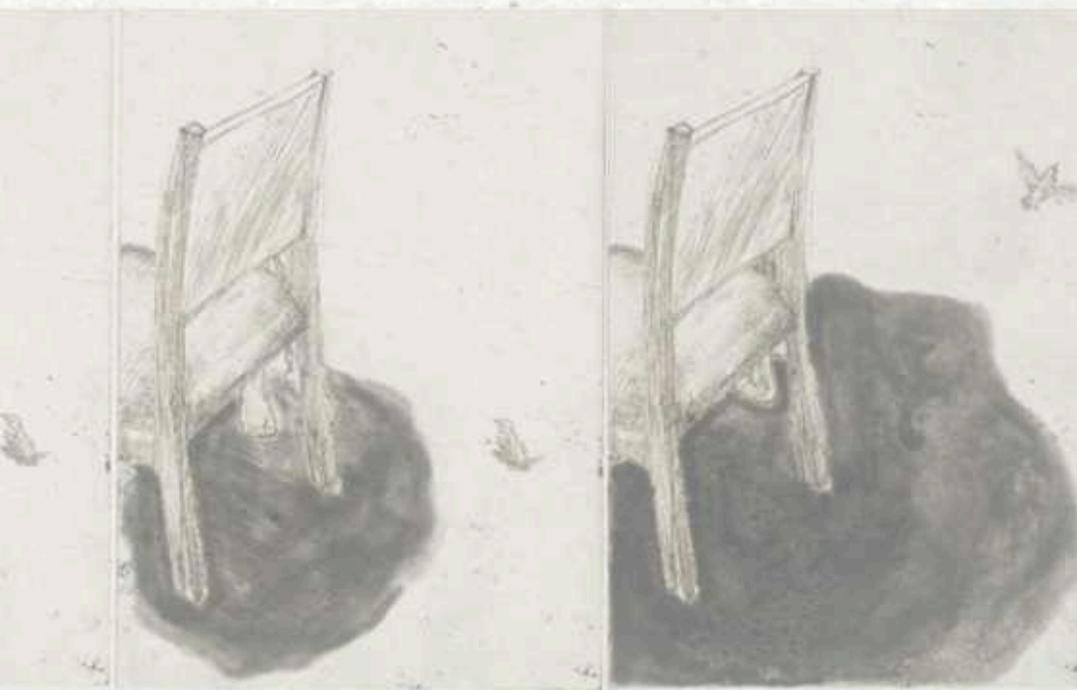
Em relação ao isolamento social, enquanto uma política pública efetiva, ocorreram divergências dentro do governo, em especial entre a figura do presidente Jair Bolsonaro e os governos estaduais. Bolsonaro, adepto ao grupo dos céticos, deu diversas declarações minimizando a doença. Em um pronunciamento oficial no 24 de março de 2020, ele afirmou: "O que tem se mostrado no mundo é que o grupo de risco são as pessoas acima dos 60 anos, então, porque fechar as escolas? Raros são os casos fatais". Em resposta a

esta afirmação, o Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) lançou uma nota alegando que a interrupção das aulas presenciais constitui uma atitude responsável de proteção à vida de estudantes, servidores e seus familiares, em especial as pessoas em algum grupo de risco. A suspensão das aulas em razão da pandemia foi uma prática adotada em mais de 157 países.



### Trecho da carta da Karen Yumi Shiraishi, de Londrina/PR

*"(...) Desde então, os dias passaram a ficar todos iguais. Finais de semana se confundiam com as segundas e terças-feiras. O que parecia ser um tempo mágico para colocar em dia todos os livros que eu esperei para ler, tornaram-se em dias infundáveis. A televisão passou a informar números de mortos e sobre a importância de permanecermos em isolamento social, o que logo se tornou insuportável acompanharmos os acontecimentos sem nos contaminarmos com a angústia das outras pessoas. (...) A ordem era: só saia se isso for realmente necessário. Meu isolamento se transformou em solidão. Em vontade de me entregar à epidemia e seguir o fluxo da vida. Foram dias difíceis e tornou a quarentena em um tempo infinito. (...) Foi um tempo em que as famílias tiveram a oportunidade de participar do ensino dos seus filhos, dos filhos aprenderem mais sobre seus pais(...)"*



A quarentena também pode ser narrada como um tempo de saudade. Saudade da família, dos passeios com os amigos, da antiga rotina. A professora Vicky encontrou uma maneira muito sensível de expressar a sua relação com a quarentena, direcionando sua carta para a escola onde atua como professora:

### Carta da Vitória Bombassaro, de Porto Alegre/RS

*“Querida escola,*

*hoje faz 78 dias que não te vejo. Sinto como se fosse uma crise de abstinência. Não parece aula sem você, nada parece muito real. Me sinto enrolando a vida para o momento de encontrar você, de poder sentir de novo o que podemos ser juntas.*

*Há alguns dias venho olhando fotos suas e tenho pensado em cada pedacinho seu. Sinto falta dos seus parquets de madeira inundados de cera vermelha que ficava na minha roupa quando eu sentava em você. Sinto falta dos ventiladores que nunca funcionavam. Sinto falta daquelas luzes*

*eternamente queimadas. Sinto falta dos cochichos e burburinhos. Sinto falta das piadas inadequadas. Sinto falta das lajotas escorregadias de umidade no inverno. Sinto falta das suas madeiras cheias de trabalhos e percevejos solitários. Sinto falta dos gritinhos alegres que corriam*

*pelos seus corredores. Sinto falta dos adolescentes questionadores que eu pedia que buscassem algo na secretaria para se acalmarem. Sinto falta das crianças com boca suja de feijão depois do almoço. Sinto falta do dia da fruta e do dia do brinquedo. Sinto falta das caligrafias nunca identificáveis e das desculpas em trabalhos atrasados. Sinto saudade de cada pedaço que fazia você ser nossa, cada pedaço que faziam parte das pessoas que caminhavam ou corriam por você todos os dias.*

*Sei que a distância social é importante para não pegarmos a doença, mas queria que soubesse que você não sai da minha cabeça. Entendo que agora a gente não pode se ver, não estou pedindo o impossível. Mas percebo que compartilhar a saudade que sinto por você também é pensar na saúde. Às vezes penso no nosso reencontro, mas normalmente sinto muita angústia e evito esse tipo de pensamento. Já pensou não poder tocar em nenhuma parede, em nenhuma pessoa? Já pensou não poder abraçar ou receber um carinho? Prefiro ainda não pensar em nada disso, apesar de saber que estou adiando o inevitável. Estava lendo um livro para me distrair esses dias, mas tudo acaba ficando voltado para você. O livro que eu lia era « Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear », da Svetlana Alexijevich. Você já deve imaginar sobre o que fala. A imagem dos objetos suspensos deixados nas casas por pessoas que pensavam que logo voltariam ainda não sai da minha cabeça. Fico pensando no café em pó, nos cadernos de chamada, nas marcações dos livros, nos meus lanches, nas canetas, nos trabalhos nas salas de aula... Ontem à noite chorei de saudade de você, tenho que admitir. Não quero que você pense que foi de frescura ou coisa assim. Mas a saudade era tanta que parecia que ia explodir no meu peito. Você já se sentiu assim antes? Eu sei que tivemos nossos desentendimentos tantas e tantas vezes, mas tem tanto ainda não dito entre nós. Tanto sentimento incompreendido também. Não sou boa de despedidas, você sabe. A última vez que nos vimos deixei umas bandejas no laboratório e uns livros no escaninho com a desculpa para voltar logo. Mas o logo ainda não chegou. Fico pensando nos meus últimos passos e nos últimos abraços de até logo que dei dentro de você.*

*Deixo essa imagem por fim e me despeço assim meio desajeitada.*

*Me mande notícias está bem?  
Professora”.*

# COTIDIANO TRANSFORMADO

A adoção do home office por muitas escolas e instituições de ensino provocou mudanças profundas nas relações entre alunos e professores, borrando muitos limites entre o espaço da sala de aula e da casa de cada um. Com um cotidiano transformado pela necessidade de conexão digital mais intensa, passamos da interrupção do trabalho por tarefas domésticas e vice-versa, aos momentos de apreciação do privilégio de se estar em casa, em segurança. A adaptação a esse novo contexto, como em qualquer outra situação, é um processo.

A professora Bernadette, em sua carta, nos conta um pouco sobre como foi o seu processo de adaptação às demandas do home office e como mínimas ações do cotidiano foram o seu combustível para que enfrentasse os desafios desse período:

## Carta da Bernadette Baldi, de Porto Alegre/RS

*"Para o neto ou a neta, que um dia ei de ter, para que saiba o que vivemos*

*O mês de março começou estranho. Tinha algo pesado no ar, as notícias que nos chegavam eram tristes, de muitas mortes. Então, aconteceu. Foi no dia 18 de março de 2020: de uma hora para outra, tudo mudou de lugar e passamos a viver exclusivamente dentro de casa. E que sorte a nossa termos casa, né? Vivemos tempos de confinamento e de uma mudança radical e importante em nossas vidas, nossas rotinas e nossos trabalhos, com afazeres outros e diversos que não faziam parte de nosso cotidiano.*

*O vírus se tornou um grande fantasma. Um monstro invisível e poderoso. Ocupava todas as mídias e foi responsável por muitas vidas perdidas, muitos danos emocionais e econômicos. A angústia e o medo, me pegaram de jeito. O primeiro mês foi muito difícil. Paralisei! Vivi momentos de muita fragilidade e de estresse. Sorte a minha que estava com as melhores companhias: meu filho João Pedro e o Francisco, companheiros de fé. Há de se destacar o quanto a minha casa foi um porto muito seguro e determinante para seguir emocionalmente estável e saudável. Mas o meu trabalho como gestora da escola, em tempos de pandemia, tirava meu sono.*

*As primeiras providências foram articuladas e encaminhadas com rapidez e agilidade. A equipe de coordenação, junto aos professores, se organizou e, num piscar de olhos, estavam postadas atividades até o final do mês. Mas veio abril e maio e junho, e seguimos em casa. E a Escola Projeto passou a ter muito mais que duas unidades. Além da Paulino Teixeira e da José Bonifácio, passou a existir na Lucas de Oliveira, na Palmeiras, na Giordano Bruno,*

no Parque Eldorado, na Costa e em tantos outros endereços. Em abril, repensamos as postagens, o trabalho e a plataforma. Foram muitos desafios e excepcionalidades. Nosso forte nunca foi a tecnologia e nosso trabalho sempre foi pautado no olho no olho, no acolhimento, no atendimento às diferenças, nas relações interpessoais.

De qualquer modo, tudo foi sendo reavaliado, ajustado e qualificado, na medida em que nos apropriávamos dessa nova condição, que envolve um trabalho remoto de casa e em casa. E houve também as famílias que foram embora, deixando a escola. Foram muitas perdas. Tudo muito delicado. Em meio ao turbilhão de tarefas, preocupações e sentimentos esquisitos, me peguei algumas vezes suspirando, de deleite ou de alívio, na cozinha, curtindo a preparação de alguma refeição - sempre realizada pelo Chico e merecedora de aplausos, tal o prazer e a dedicação envolvidos no preparo do alimento -, ouvindo uma boa música, assistindo a um bom filme, a uma boa live, lendo um bom livro, apreciando o fogo da lareira ou do fogão à lenha, o amanhecer, sem pressa para sair, ir e levantar, o jantar especial em pleno dia de semana acompanhado de quitutes deliciosos e de um vinhozinho, uma lagarteada no pátio, ao ar livre, nos dias ensolarados que se fizeram muito presentes... Enfim, houve também momentos prazerosos, e feliz de quem conseguiu ver, viver e se abastecer dessas "mínimas" ações e recursos do dia a dia, que no meu caso viraram combustível, me deram fôlego, e foram determinantes nesse período de 'apagão'.

O fato é que as marcas do que vivemos se farão presentes no que virá e transparecerá (queiramos ou não) logo ali adiante. Teremos muita sensibilidade no ar, muitas incertezas e inseguranças também.

Meu desejo é que - tendo vivido cara a cara e tão intensa e proximamente com a doença e a morte, fragilidade do ser, do estar na vida -, possamos sair de nossas casas e voltar ao convívio social diferentes, melhores!!!

Certamente, falaremos sobre este tempo e recordarei, ainda emocionada, as dores e dificuldades que enfrentamos (e que superamos - aqui fica expresso meu desejo, desde já). Te contarei, em detalhes, sobre nossa trilha sonora, cardápios, invenções e mencionarei a saudade do convívio familiar intenso e duradouro que tivemos oportunidade de viver!!!

Beijinhos da Vovó"



Fazendo o contraponto, a professora Karla inicia justamente narrando sua rotina marcada pelas interpelações entre as tarefas domésticas e as demandas profissionais:

### Carta da Karla Pereira, de Campo Bom/RS

*"Acordo cedo, tomo banho, preparo o café, jogo bolinha para o cachorro, ajeito a casa, checo o e-mail, olho o drive, confiro o blog, escuto áudios de orientação da equipe diretiva, coloco roupas na máquina, abro as janelas, preparo o chimarrão, respondo o e-mail, corrijo atividades no drive, alimento o blog, respondo áudios, penso, produzo, pauso para o almoço, recomeço tudo outra vez.*

*Entre uma notícia e outra, o silêncio cortante da ausência de risadas em uma sala de aula. O ambiente virtual tomou o lugar da escola de repente. Mesmo não podendo ver os estudantes com que trabalho, posso sentir: estão tristes, com saudades da escola, sem brincar, sem ver os amigos, sem levar broncas e sem ganhar abraços dos professores. Do lado de cá, não estamos melhores, creio que mesmo os mais entusiastas da educação a distância, como eu, estão vivendo maus bocados. Sempre acreditei na educação democrática, acessível e viável, mas não é isso que tenho constatado nessa nossa fase "apocalíptica" de quarentena.*

*Tenho uma tarefa difícil, mesmo com 200 megas de internet, notebook e celular: preparar aulas de arte. Aulas compreensíveis, agregadoras e interessantes, que contemham o essencial para caber em uma folha impressa para aqueles que não possuem a mesma tecnologia que eu disponho. Educação em tempos de horror, segregadora. Pausa, angústia, tristeza. Respira, volta, pensa mais um pouco, o trabalho precisa ser feito.*

*Superada a fase de planejamento e execução, recebo os primeiros retornos. A tarefa é deliciosa, mesmo diante das dificuldades, é como se de repente me tornasse uma especialista em obras raras, daquelas que avaliam obras encontradas ao acaso e que podem valer milhões, que apreciam as peças e afirmam com certeza "é um Rembrandt", "é um Caravaggio", "é um Monet", me divirto sentenciando com convicção e analisando traços, temáticas e estilo: "é uma Maitê do 9º ano", "é uma Júlia do 7º", "é um Rafael do 8º".*

*Respiro aliviada, apesar da saudade e do medo que esses tempos sombrios causam, diante de todas as incertezas, posso acreditar que a criatividade e a arte vão prevalecer e que escolhi a profissão certa."*

Karla nos leva até as minúcias sequenciais do seu dia adaptadas à pandemia. Uma rotina transformada, modificada pela ausência do espaço físico da escola. Entre o arrumar a casa e a correção das atividades do Drive, um novo ritmo se estabelece, e uma nova relação com a própria casa pode ser criada. A casa-escritório, casa-lazer, casa-dormitório, casa-restaurantes.

Ainda que o lar se faça escola, há experiências que o ambiente informal não dá conta. Os olhares e o contato direto com os alunos são um deles. Um olhar que afirma, que indaga, que questiona, que envolve, que se distrai. Um olhar que legitima e estabelece um vínculo de confiança entre o docente e o aluno. Um olhar que constrói a auto-imagem docente.

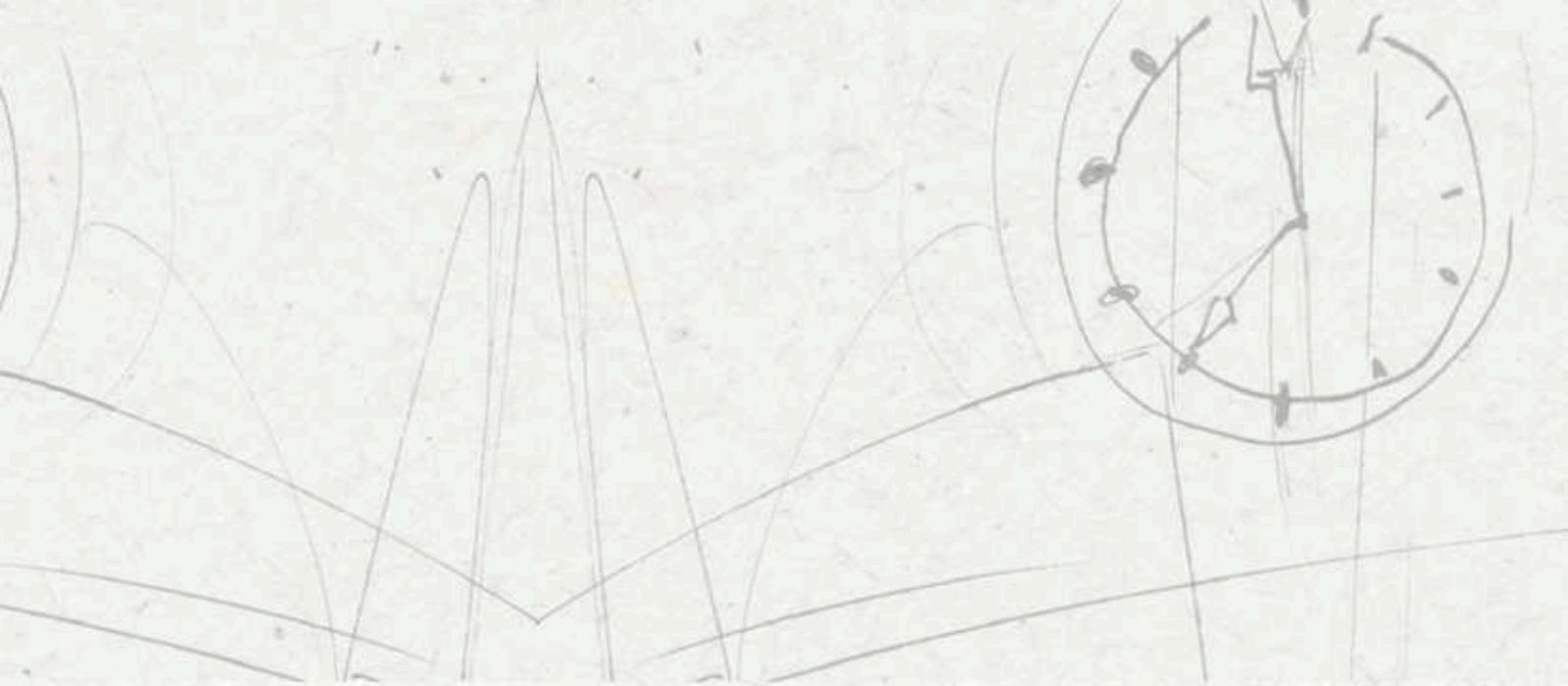
### Trecho da carta da Letícia Maia Paranhos, de Porto Alegre/RS

*“(...) Minhas filhas estão tendo vídeo-aulas, penso que para isso eu deveria providenciar um fantoche, pois sou muito feia ao vivo, imagina nas telas?! Sem nenhuma brincadeira, penso que, como eu, quantas colegas estão precisando aos trancos e barrancos ressignificar questões de sua auto-imagem, sua auto-estima. Bah, como seria difícil para mim, com meus alunos quase não percebo essas questões, mas para colocar na rede? (...)*

*Os olhares... merecem uma outra carta só sobre eles. (...) São com eles (os olhares) que todos nós professores, alunos, filhos, famílias, enfim, seres humanos, teremos um mundo a contar ao regressar desse período que me fez refletir sobre o poder de um vírus e o poder que temos ao decidir como combatê-lo. Rogo pelo fim desse período que muito ensinou e mostrou sobretudo que a escola não é feita de folhinhas ou conteúdos, mas que é forjada por relações, por seres humanos. Uma aula, eu entendo, precisa de olhares de apoio, ajuda, choro, barulho, silêncio, tudo isso e muito mais (...)”.*

### Trecho da carta da Thaís Hohl, de Porto Alegre/RS

*“(...) Tudo isso não estava mais em minhas mãos...nem os alunos estavam mais em meus olhos (...) Não consigo dar um sentido real para tudo isso, não consigo imaginar as respostas que terei, o alcance destas ações e a relevância de tudo isso para o meio em que vivem meus alunos (...) Soube então, e com clareza, o quanto a escola realmente é, por excelência, o espaço dos fazeres mais incríveis na vida de todos nós. Soube então, e é o que não quero esquecer, do quanto o olhar é significativo dentro do espaço escolar, do quanto todos nós juntos fazemos toda a diferença na aquisição de saberes, no entendimento do mundo (...)”.*



### Trecho da carta da Gabriela Sartori Rimoldi, de Arapongas/PR

*"(...) Hoje é dia de encontro! Às 19 horas me conecto com meus alunos e, entre 30 a 45 minutos, tento fazer com que eles se conectem a mim. Mas é tão difícil. "É hora de jantar", diz a Júlia. "Prô eu to cansada", ouço da Maria. E em mais um dia o encontro é finalizado e fico ali, frente a frente com a gravação, tentando rever meus conceitos. (...) O isolamento social já passou dos 60 dias e ainda não me adaptei aos encontros virtuais. Será que sou a única? Tento crer que não. Tento manter a mesma rotina, jaleco, planejamento, tópicos, jogos e brincadeiras, mas quando me deparo com a tela do computador só consigo recordar das vozes pelo corredor estreito e das histórias que me contavam, dos pedidos incansáveis para irmos ao parque ou para sentarem-se com quem têm mais afinidade (...) Tento ocupar meu tempo aprendendo e ressignificando meus conhecimentos sobre aprendizagem, me preparando para eles, para nosso tão sonhado retorno à sala de aula. Isso me motiva e me ajuda a ser mais otimista diante da situação(...)."*

O que os relatos têm em comum, além de abordarem as rotinas de educadoras, é o deparar-se com a impossibilidade de recriar ou substituir a experiência de uma sala de aula presencial. O home office para professores parece permeado por ausências: dos olhares, das risadas,

das conversas... Ainda assim, o que não faltam nos relatos são invenções de estratégias inusitadas, de práticas e abordagens educativas que buscam responder a estes novos tempos.

# EDUCAÇÃO EM DIFERENTES CONTEXTOS

**A**s cartas contam um pouco sobre os lugares e situações nas quais foram escritas. Diferentes realidades do Brasil emergem apontando para as desigualdades sócio-educacionais do país. Dessa forma, as cartas adquirem também um teor de denúncia, de maneira direta ou indireta, conforme testemunham a necessidade de maiores investimentos públicos no setor, em especial nas regiões periféricas.

A dificuldade de acesso à tecnologias, tanto por parte dos estudantes quanto pelos professores, prejudica a continuação das práticas de ensino-aprendizagem. A situação da pandemia enfatizou os contrastes entre a educação pública e privada, entre aqueles que possuem o suporte para o estudo remoto e aqueles que tampouco encontram um espaço silencioso ou tecnologias para estudar.



### Trecho da carta da Ketlin Koetz, de Dois Irmãos/RS

*“(...)Tenho que fazer e farei, numa tentativa quase desesperada de acertar, mas sinto que estou somente contribuindo para um distanciamento mais potente e injusto entre os meus alunos e os alunos que possuem condições de acesso ao universo virtual. (...) O abismo entre o público e privado nunca foi tão grande. Enquanto uns estão nas suas casas, com internet, computadores e tudo do melhor, outros recebem atividades quinzenais. Muitos não têm internet, não têm um notebook, um lugar tranquilo para estudar. Isso só mostra o quanto a escola sempre foi prioridade para alguns: ela nunca é para todos(...).”*

### Trecho da carta do Jailson dos Santos, de Caicó/RN

*“(...) O desafio do Estado está em encontrar uma saída para aqueles educandos, que não são poucos, que não têm sequer água em casa. Alguns deles dependem da merenda escolar para fazer uma refeição. Ainda encontramos muitas famílias que não conseguem orientar seus filhos nas atividades escolares por serem semianalfabetas. O Brasil venceu, no Governo Lula, a questão da falta de energia elétrica nas residências com o programa “Luz para todos”, entretanto, ainda não teve a coragem de encarar o problema da inclusão digital. Não se faz educação em larga escala nesse período sem inclusão digital, sem disponibilizar saberes e equipamentos para todos. Se assim não acontecer, não estamos garantindo o acesso de todos à educação pública em condições de igualdade. Este é só mais um ponto que contribui com a exposição, de maneira dramática, da situação educacional brasileira, pois mostra que o direito a esse bem não é para todos, mas se restringe a alguns (...)*

*Em meio a tudo isso, nós, educadores, fomos provocados a falar sobre o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. (...) A pressão popular sobre o Ministério da Educação valeu a pena, pois o governo foi obrigado a adiar o calendário do ENEM. A resistência envolveu a sociedade civil, mas também várias entidades educacionais. A União Nacional dos Estudantes (UNE) e o Conselho Nacional de Educação (CNE) foram entidades que se posicionaram, pois compreenderam que a manutenção do calendário do exame acarreta prejuízo para os estudantes de escolas públicas, especialmente os que são vulneráveis socialmente. Enquanto as instituições privadas mantêm seus programas pedagógicos por meio da Educação a Distância (EAD) com aulas virtuais e situações de aprendizagens envolvendo as novas tecnologias, nós, que fazemos a educação pública no Brasil, que conhecemos a realidade dos nossos educandos de perto, sabemos (porque os números nos mostram) que 58% dos estudantes estão sem acesso a computadores e 33% dos domicílios brasileiros sem conexão com a internet. Quando pensamos nas classes D e E os números são ainda mais cruéis, pois chegam a 70% das residências sem nenhum acesso ao mundo virtual. Portanto, ter acesso a computador e internet é uma questão delicada, seguida do espaço adequado na sua própria residência para estudar (...)*

*Li que o ministro Abraham Weintraub anda fazendo 'balbúrdia' no Ministério da Educação. (...) Ao falar sobre o prejuízo aos menos favorecidos, argumentou que 'o ENEM não é feito para corrigir injustiças sociais; é para selecionar as melhores pessoas para serem os melhores médicos' entre outras profissões. A resistência e a não aceitação da permanência do calendário do ENEM acontece por motivos óbvios: esse calendário favorece um grupo, o da elite econômica, em detrimento de outro, o das classes populares (...)."*

#### **Trecho da carta da Giselle Reis Antunes, de Porto Alegre/RS**

*"(...) A situação foi aflitiva, no entanto não me deixei bater, 'ergui as mangas' e, para viabilizá-las, emendei uma capacitação atrás da outra, tanto promovidas pela faculdade, quanto por iniciativa própria em outras plataformas. Foram capacitações ora focadas em 'criatividade': sim, porque haja imaginação para tentar tornar aulas na tela de um computador atraentes! Ora focadas no uso de softwares: para elaboração de slides 'clean' e interativos (Beautiful.ai; Prezi design, Power Point); para transmissão de vídeo ao vivo (Prezi vídeo, Streamlabs OBS, OBS Studio); para videoconferência (Zoom, Webex, Teams), entre outros (Coogle, Mentimeter, Kahoot). (...) E quando eu achava que resolver a questão da transmissão era o único problema, vem o segundo problema: a aula tem que ser salva, enviada para o Youtube e o link compartilhado com os alunos na plataforma Moodle, a que usamos. Bem, os vídeos ficaram enooooormes! Tive que aprender a editá-los, cortá-los, juntá-los novamente, compactá-los para enfim poder compartilhá-los como devia ser. E haja mais aprendizado, lá vou eu pesquisar como usar aplicativos como Clipchamp, Camtasia Studio, Sony Vegas Pro 17, com esta finalidade de edição de vídeo, até conseguir identificar aquele para o qual me adapto melhor para usar. Enfim, publico a primeira aula, ufa!"*

#### **Trecho da carta do Álvaro Benvenuto Júnior, de Nova Petrópolis/RS**

*"(...) Minha sensação, neste momento, foi a de ter sido largado numa rinha de galos-de-briga ocupada por dois leões famintos, diante de uma plateia formada por estudantes que tiveram os compromissos acadêmicos presenciais solapados de suas agendas. Uma plateia sedenta de conhecimento teórico-prático, conforme aquele descrito no plano de ensino e que não pode perder o precioso tempo – e dinheiro – reservado para a aprendizagem superior profissionalizante.*

*Desafio apresentado, desafio acatado! Nada de novo na arena cotidiana do professor: sempre tem algo a improvisar e superar o sentimento de estar numa rinha de briga com dois leões famintos. A novidade foi a falta de mais tempo para acomodar as peças neste novo tabuleiro, agora cheio de restrições para reduzir as possibilidades de dissipação do vírus".*

Em meio a este complexo cenário, professores ocupam um papel fundamental na investigação de metodologias que tentam garantir o acesso de muitos estudantes ao direito básico da educação.

### Trecho da carta do Jailson dos Santos, de Caicó/RN

*“A nova rotina exige de nós mudança de postura, novos planos de rotas, outros caminhos. Para fazer educação neste momento é importante perceber que ela é uma estrutura que depende da cultura, dos saberes e dos fazeres da arte. Nessas novas aventuras, veio a necessidade da reinvenção, pois estamos abrigados no desaprender, no dessabido, na incerteza. Foi justamente neste ‘não lugar’ que criamos em Caicó/RN um programa de rádio, ‘EJA em ação’, juntamente com a 10ª Regional de Ensino e apoio da Secretaria de Estado de Educação e da Fundação Educacional Santana. O Programa está sendo transmitido diariamente pelas ondas da Rádio Rural de Caicó, emissora que opera na frequência FM 102,7 MHz. Com inspiração nos círculos de cultura criados por Paulo Freire, o programa é transmitido ao vivo pelas redes sociais e cada dia da semana um grupo de educadores é responsável pelo planejamento da programação. Todas as áreas do conhecimento são contempladas. As quintas-feiras levamos ao ar o programa da área de linguagens e, do estúdio, fazemos a mediação, do estúdio. Dois ou três convidados entram ao vivo por meio de um aplicativo e explanam sobre o tema do dia e, ao final, deixam sempre uma sugestão de atividade como desdobramento da intervenção para o educando desenvolver em casa. Os diálogos acerca da poética dos processos de ensino e dos valores da arte e da cultura sertaneja são de grande relevância à região. O número de arte-educadores com formação específica é muito pequeno nas escolas daqui. Nos programas, a arte e a cultura sempre são contempladas por meio da música, da poesia ou das discussões que abrangem questões históricas ou de cunho teórico. Os educandos participam pelo telefone ou pelas redes sociais porque compreendemos que a EJA é um canal de trocas e de descobertas sensíveis. Apostamos nessa iniciativa porque temos tradição em ouvir rádio no Seridó e uma primeira avaliação mostra que está funcionando (...)”.*



### **Trecho da carta da Carolina Gomes Fleck, de Novo Hamburgo/RS**

*“(...) Mais do que nunca, o momento é de empatia, de compartilhar, de ensinar e de aprender. As diferenças socioeconômicas e de acesso à tecnologia estão ecoando nas nossas mentes e o desafio hoje é conseguir atingir a todos. As primeiras aulas remotas: impressas, em Word, PDF, em vídeos. Como registrar? Interagir? Fazer dar certo? Educativa e ao mesmo tempo divertida. Mas, e a educação Infantil? Como fazer? São tantas dúvidas e, ao mesmo tempo, tantas possibilidades. A educação básica, principalmente a pública, se reinventa a cada dia, e porque não dizer a cada hora (...).”*

### **Trecho da carta da Hairlaine Freitas, de Porto Alegre/RS**

*“(...) Como fazer a aula de educação física online? Sem a bola, sem o pátio, sem o ginásio? (...) A tecnologia está aí e não é diferente na educação física. Precisamos saber usá-la ao nosso favor e transformar as práticas com o seu uso. (...) Nunca imaginei o quanto eu precisaria utilizar estes conhecimentos como base da minha construção de aula. Mesmo no retorno às práticas presenciais, acredito que seja fundamental utilizar esta experiência para aproximar educação física e tecnologia nas aulas. Este é, para mim, o presente e o futuro da educação física escolar (...).”*

### **Carta da Mônica da Silva Gallon, de Porto Alegre/RS**

*“Carta ao meu eu em outro tempo,*

*esta carta é para que você nunca esqueça deste tempo. E que possa aproveitar ao máximo o seu tempo, um tempo diferente do que foi o meu. Foi um tempo longo, de esperas, perdas e comemorações interrompidas que me tornaram alguém diferente de quem eu era antes da sua chegada. Nem melhor, nem pior. Me tornei uma mulher diferente.*

*Esperei longos cinco anos para a defesa do meu doutorado. Foi um período dolorido, de transformações, a cura de um câncer, o despertar do meu tema de pesquisa, a solidão experimentada em muitos momentos, a distância dos amigos. Enfim, o trabalho estava pronto. Concluí minha tese em fevereiro. Marcamos a data para o dia 20 do mês seguinte. Esperei ansiosamente este dia, convidei pessoas queridas, comprei roupa nova, quis ficar bonita para comemorar o meu tão sonhado dia. Era como se fosse minha festa de formatura. Comemorar algo tão grandioso que eu fiz.*

*Iniciei meu ano na escola leve. Livre da tese, como professora estava pronta para realizar projetos com meus alunos que há tempo vinha adiando em função do doutorado, o que me tomava minha energia. Tudo pronto para um ano letivo que se iniciava com expectativas mil e ansiedade pelo (re)começo. Já pairava no ar as histórias que vinham do outro lado do mundo. A China há semanas vinha colapsando com a então epidemia, que levou cidades inteiras ao fechamento de escolas, comércio, e fez com que as pessoas permanecessem em suas casas em isolamento por tempo indefinido. As*

notícias levavam-nos a acreditar que a doença era uma coisa séria, porém, para nós, do outro lado do mundo, parecia mais um roteiro de filmes de ficção. Iniciaram-se as aulas, minha defesa de doutorado marcada, tudo parecia caminhar da forma como há tanto planejei. Este ano seria um ano incrível: as viagens que eu esperei tanto a fazer, os bares e cafés, para apreciar na companhia dos meus amigos. Teria minha vida social de volta, subtraída pelos meses de escrita e leitura.

Aos poucos, o cenário foi se modificando, a doença avançou rapidamente pela Europa, devastando países como Itália e Espanha, levando milhares de famílias ao desespero de perder alguém querido sem nem ao menos poder se despedir. Observando isso, nas minhas aulas de Ciências, busquei apresentar informações sobre o que estava se passando no mundo, alertando-os sobre a importância de lavarem as mãos, não compartilharem objetos de uso pessoal, máscaras, álcool em gel, antevendo ainda que de longe o tsunami que se aproximava.

Eis que o que era uma epidemia transmutou-se em uma pandemia. Casos de doentes rapidamente se espalharam pelo Brasil e as autoridades passaram a fechar escolas e universidades. Tudo isso na semana da minha tão esperada defesa da tese. Cogitou-se o adiamento, porém, nada se sabia sobre o tempo que tudo isso ia levar para termos a normalidade novamente. Ainda pensávamos que seria possível voltarmos ao que tínhamos antes. Hoje sabemos que foi onde tudo que conhecemos hoje como normal, começou. Despedi-me dos meus alunos e colegas no portão da escola, depois de um abraço em cada um, sem sabermos quanto tempo se levaria até outro abraço como aquele. De todas as coisas que senti falta nesse tempo, o abraço foi o que mais apertou no peito, de não ter.

Então, na sexta feira, dia 20 de março de 2020 (Sim! Faz muito tempo!) transformei meu sonho de defesa em uma videoconferência, sem convidados, sem roupas chiques, sem o abraço final e sem as comemorações com meus amigos deste tão esperado momento. Mal sabia usar um programa para videoconferência, hoje parte do nosso cotidiano. Mas enfim, virei doutora. Desde então, os dias passaram a ficar todos iguais. Finais de semana se confundiam com as segundas e terças-feiras. O que parecia ser um tempo mágico para colocar em dia todos os livros que eu esperei para ler, tornaram-se em dias infundáveis. A televisão passou a informar números de mortos e sobre a importância de permanecermos em isolamento social, o que logo se tornou insuportável acompanharmos os acontecimentos sem nos contaminarmos com a angústia das outras pessoas.

Foram semanas duras, difíceis, de medo. A ordem era: só saia se isso for realmente necessário. Perdi um amigo neste tempo. Um amigo que a gente pode contar em todas as horas. Daqueles amigos que a gente não acha em qualquer esquina. Sucumbiu à tristeza de sentir-se sozinho. Meu isolamento se tornou em solidão. Em vontade de me entregar à epidemia e seguir o fluxo da vida. Foram dias difíceis e tornou a quarentena em um tempo infinito. Neste mar de acontecimentos ainda pensava nos meus alunos. Onde estavam eles? Como estavam e suas casas? Estavam eles em segurança? Trabalhava em escola pública de periferia e minha preocupação era constante com o bem estar de cada um deles. Esta preocupação não era apenas minha, mas também dos meus colegas professores, sensibilizados pela pandemia, a crise econômica que tomou conta do país e as incertezas políticas que

brotavam.

Conseguimos contato com alguns alunos, usamos as tecnologias que podíamos para atingi-los dentro dos poucos recursos que eles tinham. Organizamos aulas, mas principalmente, construímos pontes virtuais para que não os perdêssemos neste tempo de distanciamento.

Percebemos também que não era mais possível, já que o tempo era outro, sermos os mesmos professores que éramos até poucos dias atrás. Não era possível transformar uma aula de quadro e giz em uma aula a ser feita em casa, sem a minha fala, as conversas, as trocas com os colegas, as brincadeiras. Aprendi também a fazer uso de tecnologias digitais para ensinar. Percebi a importância do professor no ensino e aprendizagem de uma criança. E busquei forças, ideias e parcerias com meus colegas de escola e outros tantos professores deste Brasil. Emergiram inúmeras iniciativas para apoiar professores, pois estávamos todos juntos rumando caminhos para continuarmos nosso trabalho. Foram tempos de lives, de escuta e partilha. Tempo de professores doentes pelo excesso de trabalho e insensibilidade pelo período difícil que estávamos enfrentando. E é irônico: as mesmas tecnologias que, antes desse tempo, nos afastavam das outras pessoas pelas longas horas conectados às redes sociais, foram as que nos aproximaram e nos reconfortaram, nos mantendo ligados aos amigos que agora também estavam em suas casas.

Foi um tempo importante para o meu eu professora: refleti sobre a minha carreira docente, sobre o que de fato era importante a esses jovens que eu ensinava; um ano letivo que se esvaía, mas que era, ao mesmo tempo, tão rico em aprendizados que estavam acontecendo fora da escola. Foi um tempo em que as famílias tiveram a oportunidade de participar do ensino dos seus filhos, dos filhos aprenderem mais sobre seus pais. Ainda assim, muitas famílias pediam pelo retorno imediato às aulas, sem se preocuparem com a saúde e a empatia aos profissionais da educação, e aos seus próprios filhos, ou ignorando os fatos que a todo momento demonstravam a importância desse isolamento forçado. Bradavam sobre a perda do ano letivo! Não há tempo perdido, há tempo não aproveitado.

Não lembro ao certo mais quanto tempo esse tempo levou. Mas eu sei que me tornei uma mulher diferente. Aprendi a dar valor ao sol, a apreciar as pessoas que estavam comigo, a contemplar crescimento de uma semente, a valorizar imensamente uma amizade verdadeira e, principalmente, a entender que o tempo, aquele que contamos em um calendário, é uma coisa inventada. A natureza não tem um relógio. As coisas tomam seu próprio curso, não dependem dos nossos planos.

Então, entenda: foi nessa época que as coisas mudaram. É por isso que hoje eu sou assim. Nenhuma experiência na vida passa em vão. Não nos tornamos melhores ou piores, mas somos o produto de tudo isso.

Abraço apertado".

# O LUGAR DO CUIDADO NA EDUCAÇÃO

**D**o que falamos, quando falamos de afeto? Palavras conhecidas saltam à mente: carinho, aconchego, amor. Muito ligada à ideia de afeição, a palavra “afeto” se refere, em geral, à expressão de bons sentimentos direcionados a algo ou alguém. No entanto, a mesma palavra, quando pensada em aliança com a filosofia de Spinoza, ganha uma outra conotação: para além de um sentimento, trata-se de uma ação. Do afeto enquanto verbo, do ato de afetar e ser afetado. Encontros que nos tocam e nos convocam a agir, que nos colocam em movimento. Nesse sentido, há os afetos que aumentam nossa potência de agir na vida, mas também há os que a diminuem, que nos despotencializam.

Em um período tão grave como o que estamos vivenciando, é natural que sejamos mais atingidos por afetos tristes, e assim nos sintamos mais impotentes diante de todo o impacto decorrente da situação pandêmica. Além disso, a cultura em que estamos inseridos expressa uma tendência a valorizar tanto

a racionalidade, que não nos sentimos estimulados a olhar para a nossa sensibilidade, para o que os mínimos acontecimentos do dia-a-dia nos despertam. Por isso, mais do que nunca, é importante lembrarmos que os momentos de crise e de desestabilização são também os momentos onde insurgem as resistências, as vozes dentro de nós que clamam pela continuidade da vida, e que precisamos ouvi-las. Abrir espaço para cuidar dos nossos afetos, respeitá-los e compreendê-los. Somos afetados de múltiplas formas ao longo do dia, e quanto mais atentos, mais ativos nos tornamos frente ao que nos acontece. Contudo, diante dos relatos presentes nas cartas, percebemos a grande carga depositada em muitas professoras e professores para que continuem operando “normalmente” apesar dos impactos da pandemia em suas vidas. Espera-se que se reinventem com uma agilidade ímpar e mantenham o máximo de qualidade em uma modalidade de ensino nunca antes utilizada pela maior parte deles.



### Trecho da carta da Karen Hass, de Porto Alegre/RS

*“(...) Os dias atuais parecem algo surreal. Por um lado, parece que o tempo passa mais devagar, porque ficamos mais em casa e vemos menos pessoas ao vivo e a cores (...) Por outro lado, tenho trabalhado muito por conta das aulas remotas, o processo é mais demorado que o presencial, os preparativos também envolvem mais tempo, o aprendizado com as ferramentas é diário(...)”.*

### Trecho da carta da Ketlin Kroetz, de Dois Irmãos/RS

*“(...) Reinvenção. A palavra da moda. Acho que nem cabe mais em mim. É muito mais do que isso, quanto amor colocamos nessa profissão. Como nos preocupamos com nossos alunos, mais do que com nós mesmos. Ainda não bebi o meu café. Estar conectado o tempo todo tira um pouco a minha paz, mas preciso afirmar que colocar em dúvidas as certezas que adquiri durante todo esse período de isolamento e deparar-me em um mundo incerto causou certo incômodo: a dor de perder a certeza, a sensação constante de dúvida e de me sentir em um mar quando antes eu pisava em terra firme (...)”.*

### Trecho da carta da Karen Yumi Shiraishi, de Londrina/PR

*“(...) Na primeira semana comprei um quadro branco, um tripé e fiz várias páginas de planejamento cheias de boa intenção. Acredito inclusive que o medo da qualidade das aulas cair, mesmo sabendo que essa diferença seria inevitável principalmente para o ensino fundamental (anos finais), foi o que moveu minhas noites adentro fazendo e refazendo exercícios (...)”.*

Nessas condições de sobrecarga e consequente esgotamento mental, fica realmente difícil adentrar um espaço de atenção aos afetos, de escuta e cuidado de si. Em contrapartida, são práticas como essa que se fazem absolutamente necessárias para que a própria educação, em toda sua força transformadora,

possa continuar existindo. Por isso, durante a leitura das cartas, nos interessou dar uma atenção especial à criação de um espaço para que profissionais tão dedicados a provocar o desejo pelo aprendizado no outro, possam também escutar a si mesmos e seus próprios desejos.

## Carta da Marlise Buchweitz, de Canguçu/RS

*"Querido leitor,*

*quero iniciar este momento, em que te escrevo, com um poema. Nele joguei minhas angústias e meus primeiros sofrimentos, quando minha quarentena fechava 30 dias, em 20 de abril.*

*E de repente!*

*E, de repente, o coração pulou mais forte,  
A indecisão assombrou,  
O medo se instalou.*

*E agora: Como ficar?  
E agora: O que esperar?  
Isolei-me*

*Respirei. Dei-me conta do privilégio  
De fazer isolamento,  
De ter o pão na mesa.  
Outro medo: e quem não pode, faz o quê?  
Sinto medo: E quem não tem o que comer?  
Afetei-me*

*E, de repente, o trabalho aumentou  
A cobrança se instaurou;  
Com ela, as ameaças e a pressão  
E agora: o que escolhi mesmo? Como proceder?  
E agora: o que acatar? Como me defender?  
Indignei-me*

*Ser professor em tempos de pandemia?  
Trocar as salas pelo universo online?  
O eco das cobranças nos ouvidos...  
Questiono: para quem? Para quantos?  
Confecciono: vídeos, 'aulas', áudios...  
Abandonei-me*

*De repente, percebi  
Que o que podia até ser bênção  
É ameaçado.  
De momento: a luta não pode parar.  
Engajamento: onde sempre devo estar.  
Resignei-me*

*No cenário do dia,  
Cada um defende uma ideia;  
Há contraposição de paixões e de ideais.  
Insisto: divulgar e expor a ciência.  
Invisto: papel social a cumprir.  
Recobrei-me*

*Sim, começou apavorante... Depois, ficou doloroso. Doeu a pressão sofrida de gestores sobre o trabalho docente, como se precisássemos estar isentos de conflitos pessoais e tivéssemos que abraçar a Educação quase como um milagre que poderia salvar as famílias e nossos aprendizes de suas dores, de suas inseguranças, de seus medos. Nesse início, devíamos estar disponíveis, estávamos recebendo salário e não era mais do que nossa obrigação, diziam. Disseram tanto isso que os próprios colegas passaram a reproduzir a frase, quase como numa acusação aos que estavam com dificuldades, tanto de encaixar a nova rotina em tantas demandas quanto de se atualizar 'pra ontem' nas plataformas virtuais e nos inúmeros jeitos diferentes de dar conta das tecnologias.*

*Fiquei cansada demais. Minhas 20 horas semanais como professora, num dos trabalhos que tenho, creio que praticamente aumentaram em 50% ou quase dobraram quanto ao tempo trabalhado e disponível para atender às demandas. Aos poucos, o espaço da casa, que já tinha virado home office, também abraçou outras angústias:*

*- O isolamento social sendo extinto dia a dia e as atividades econômicas retornando;*

*- A ciência sendo colocada em questionamento e a democracia sofrendo apunhaladas cada vez mais fortes;*

*- Sujeitos protestando com caixões empunhados e em frente a hospitais, querendo que as coisas voltassem ao normal... [os mesmos sujeitos querendo a volta da ditadura, da intervenção militar, do AI-5..].*

*Qual é o normal? Quem tem um pouco de noção das coisas percebe que nada disso (os cuidados com as vidas, o vírus rondando invisível) é voluntário... Não pedimos para a economia parar, muito menos para ficar em nossas casas... Defendemos vidas, a vida! Defendemos quem passa anos estudando e se aprimorando no conhecimento sobre doenças e sobre maneiras de evitar o pior. Defendemos o saber com base nas experiências de tantos países que viveram o colapso antes do Brasil.*

*O que escrevo te faz sentido, leitor? Crês em meu grito?*

*Falar, debater, rebater discursos prontos de quem não tem argumentos, desde antes da pandemia, não parece surtir efeito... Ouço repetirem a mesma ladainha de que tudo isso é um complô contra o governo, de que as universidades estão criando pesquisas inexistentes e maquiando dados para tornar tudo pior do que já é, de que Deus vai salvá-los [perdoa-lhes, pois usam Teu nome em vão], e de que se tiverem que morrer, é pois chegada a hora. Sabe, leitor, meu Deus é um Deus de graça e de amor. Não creio na pandemia como resultado de uma ira que Ele pudesse transferir para o povo.*

*Também, li um texto (SAFATLE, 2020) sobre uma ideia de auto suicídio e de uma "coragem" patriota no sentido de colocar a vida à prova, e se morrer, tudo bem. Triste, não?! A tristeza invade meu ser e não sei como fazer as criaturas abrirem seus olhos para ver de verdade. A história do presente parece nos mostrar como é possível tanta gente seguir um líder insano rumo à morte, como tanto estudamos sobre a História do passado. Vivemos 2020 para entender, na pele, nas sensações pessoais, na vida real, o que outras gerações viveram em tempos sombrios que os levaram a campos de concentração, a matar por um ideal louco e patético, a lutar pela verdade e pela justiça, muitas vezes em vão, e unicamente por sua luta, serem presos, torturados, dizimados e relegados ao esquecimento, ao sumiço, às incertezas.*

Tantas angústias vão permeando o trabalho, a vida, meu eu. A dor deixou de ser sobre o trabalho docente. Depois de quase dois meses, uma formação continuada, um realinhamento de ações, uma estabilidade na rotina... As coisas se ajustam com o tempo, claro! Quisera eu que não precisasse de dor às vezes, mas somos imperfeitos (sim, nós, seres humanos, o sistema, o contexto) e precisamos lidar com os anseios do outro/dos outros o tempo todo. Não me chame de herói, por favor, não quero esse rótulo. Não o sou, já que certos agraciamentos servem também para esconder inúmeros problemas que há por detrás daquele sujeito que está ali, que segue determinada profissão não tão valorizada.

Eu falava das novas ansiedades, as quais saíram do contexto da Educação e tomaram proporção de vida política, de panorama nacional, para também destacar que "esperar" e "esperançar" foram verbos que trocaram de lugar em meu ambiente e dentro de mim inúmeras vezes. A espera nunca foi tranquila, trazia muitos sentimentos conflitantes e desgastantes consigo, mas, quando a esperança vinha/vem, tudo fica mais ameno. Ela está aí, ronda meu ser e meu desejo é que fique por aqui por mais tempo do que já ficou, nesse tempo todo (setenta e poucos dias de quarentena, para ser exata). Ah, não me compreenda mal, sou da área de Letras, trabalho com o estudo das Línguas. Chamo-te leitor, independente se és homem, mulher ou de outra identificação. Sou professor e docente, dentro da categoria que ser professor e docente abrange, gênero neutro da língua portuguesa; não sou só professora ou docente, porque isso me restringe o gênero. O que sou é formado deste eu e de tantos outros que constituem minha voz, e que me auxiliaram constantemente no aprimoramento do que hoje te deixo ver e me faço ver.

Obrigada por me ler, leitor querido. Espero em breve te abraçar".



A professora Débora destaca em sua carta a importância de desfrutar do tempo com a família como um aspecto fundamental para enfrentar os desafios do isolamento social. Além disso, apesar dos sentimentos doloridos e da grande preocupação, nos mostra como o ato de recorrer a lembranças de pessoas queridas que não podem estar conosco nos mantém vinculados ao que verdadeiramente nos move e nos inspira a seguir:

### **Carta da Débora da Rosa de Oliveira, de São Leopoldo/RS**

*“A chegada da existência de um vírus circulando na China, seguido da hipótese de uma quarentena, se estabeleceu em minha vida no final de fevereiro.*

*Lembro-me do meu filho Nicolás pedir ajuda para fazer um trabalho de pesquisa sobre o coronavírus. Lendo as notícias com ele não fiquei tão apreensiva, pois o vírus estava tão longe... Lá na China.*

*Não que isso não me causasse sentimentos alheios ao que estava acontecendo, mas me sentia aliviada em estar longe do meu país, e que certamente não chegaria ao meu lar.*

*Bom, não foi o que aconteceu... Logo a notícia sobre o vírus estava batendo em minha porta. E agora? Meu filho amado Nicolás foi o primeiro a começar a quarentena, na semana seguinte fui orientada a ficar em casa e aguardar como se daria os dias seguintes.*

*Meu esposo e amigo de todas as horas, Ismael, foi o único que ficou trabalhando nesse período, claro que com todos os cuidados necessários. Porém, minha angústia era presente; eu e o Nicolás estávamos seguros dentro de casa, e ele se arriscava diariamente...*

*Os dias seguintes chegaram e as notícias eram as piores possíveis. Começaram os casos na minha cidade e nas cidades vizinhas. Eram pessoas, famílias destruídas por este vírus invisível. Essas pessoas, humanos que parecem ter simplesmente se transformado em números crescentes de casos.*

*Eu como uma profissional da educação, estava em meu último módulo de graduação. Não sabendo que dia retornaria ao trabalho, procurei me focar nos estudos. Eis que notícias boas foram possíveis em meio a pandemia que se estabeleceu em minha vida concluí meu artigo com muito esforço e dedicação.*

*Estou neste momento aguardando a tão esperada banca, depois de quase cinco anos de muito estudo. Estudos, pesquisas, dedicação, doação, comprometimento; competências que minha profissão, da qual tenho muito orgulho, exige constantemente.*

*Mas, o que realmente eu não estava preparada para vivenciar era, e ainda é, o distanciamento de pessoas importantes em minha vida. Mesmo estando em casa com meu filho, tanto eu quanto ele sentíamos e sentimos saudades de pessoas realmente importantes em nossas vidas.*

*No ano passado, da mesma forma que não estava preparada para vivenciar uma pandemia, estava muito menos preparada para perder minha MÃE. Ela se foi, mas está presente... Ela está presente em minha memória e na*

*alegria que tinha pela vida!*

*O que realmente me move para não cair em profunda angústia e exaustão são as lembranças maravilhosas que tenho, para enfrentar tantos gatilhos que vivenciei nestes últimos meses.*

*Tempos difíceis?*

*Sim!*

*O que eu ganhei, aprendi e continuo a aprender: o amor em abundância da minha família, reconhecer verdadeiras amizades, saber que eu preciso do outro, agradecer, saber o real significado do afeto, amadurecimento pessoal e a grandeza que tem um lar estruturado.*

*Permeiar por desafios constantes diante deste atual cenário não foi e não está sendo nada simples, mas a cegueira do hábito se foi...*

*Estabeleceram-se bons hábitos, desfrutar do tempo com o meu filho, tempo para ler e ler, saborear um café fresquinho, apreciar um bom vinho... Apesar de dias difíceis, tive muitos dias felizes, saudáveis, tranquilos e protegida de sofrimento.*

*Dedico esta carta a minha família!*

*Minha mãe, meus irmãos, meu esposo Ismael e meu filho amado Nicolas."*



Em outra carta, a professora Taís Ritter reúne muitas pontuações necessárias para pensarmos as condições de auto-cuidado - no sentido do tempo para estar consigo mesmo e dar atenção aos afetos - a que estão sujeitos professores e, sobretudo, às professoras. Em sua carta, Taís traz sua necessidade de narrar para si mesma, a partir de outros arranjos de palavras, outras gramáticas. Um exercício de abrir passagem para a vida, de germinar práticas que priorizem o direito de respirar.

### Carta da Taís Ritter Dias, de Santo Antônio da Patrulha/RS

*“Exercícios de gramática e(m) tempos de estar consigo*

*Quarentena, mês 1.*

*Nestes dias de isolamento, venho tentando exercitar o convite da poetisa e filósofa Viviane Mosé<sup>1</sup>, qual seja, o de pensar em gramáticas outras. Tenho a sensação de que certos arranjos de palavras já não cabem mais. Quero me narrar nesse estado-casa, neste momento de imersão e dispersão. Quero falar dos momentos em que meu olhar está detetive, inutilmente observando as sombras que se movem pela paisagem na janela, obedientes ao ritmo e ao sabor do sol. Dos momentos em que meu humor está biblioteca, em que quero me circundar de livros, em que quero ser abraçada por palavras. Dos dias em que minha atenção está mar, à deriva, à guisa de algum ponto de ancoragem, nadando entre palavras que não me prendem, lendo como se estivesse olhando uma imagem desfocada. Dos dias em que minha escrita está espinha, cheia de palavras inflamadas, as quais não consigo arrancar. Mas há algo que se repete em todos esses dias: é que a minha preocupação está sempre corda bamba, em temor por aquelas vidas que estão prestes a despencar, muitas delas próximas a mim. Como docente e pesquisadora, o que quero levar deste tempo é que o meu cuidado (comigo e com outres) possa ser chão, que possa semear palavras que façam pulsar vida, que possa germinar práticas que priorizem o direito de respirar, que possa florescer vidas que se nutram de éticas outras.*

*Docentes estão vivendo a pandemia? Estão, por certo, posto que esta é uma realidade global. Contudo, as políticas de ensino remoto levam em consideração as fragilidades, as incertezas, as inquietações que atinge a todos neste momento? Não por acaso, gostaria de me dirigir de modo mais específico às professoras, pois a docência tem sido historicamente habitada por mulheres. E é, justamente, sobre as rotinas das mulheres que os efeitos da pandemia produzem seus impactos mais perversos. A demanda de trabalho imposta à docência de modo geral, e às professoras em particular, parece pressupor que docentes são seres refratários e imunes às angústias que inundam este tempo. À medida que arranco as palavras inflamadas das minhas espinhas, penso em cada docente que se pergunta sobre como elaborar aulas em formatos para o qual não se havia pensado antes; cada docente que tem dedicado horas de seu dia para familiarizar-se com tecnologias digitais, muitas vezes sem ter suporte material adequado; cada docente que tem saído de sua casa para entregar alimentos e atividades*

às famílias de estudantes; cada docente que desdobra-se para manter vínculo com estudantes, respondendo a grandes quantidades de mensagens diárias; cada docente que se aflige sobre seu trabalho, sua abordagem, sua metodologia frente a este cenário. Penso nas professoras, em particular, que neste contexto, além de cuidar da educação de centenas de estudantes, estão ocupadas com a educação e o cuidado de suas próprias crianças, não raramente, em tempo integral. Professoras que exercem rotinas de trabalho doméstico, lidam com baixos salários, jornadas extensas e desgastantes. Que tempo lhes resta para sonhar, pensarem sobre seus mundos, sobre o que se passa consigo? Que condições possuem para cuidarem de si mesmas? E, quando falo de cuidar de si, não me refiro tão somente àquelas imprescindíveis atividades de manutenção da vida. Falo do tempo e energia necessários para prestar atenção às pequenas coisas cotidianas, às sensações do corpo, às experiências triviais. Do tempo e energia necessários para elaborar narrativas de si mesmas, de suas realidades. Neste momento em que desponta o imperativo de que é preciso cuidar de si e do outro, o meu desejo é que em tempos vindouros emergjam políticas que se pautem na distribuição igualitária do tempo de viver consigo. Que a gramática da educação possa ser arejada por cuidado com a vida, por acolhimento, por outras economias do tempo. Economias do tempo que nos deixem respirar, experimentar com lentidão o que nos acontece, que não nos sufoquem com a busca insaciável por um certo um tipo de eficiência e desempenho”.



Para o professor Jailson, o enfrentamento das atuais circunstâncias passa pelo desafio de nos mantermos ativos. Em sua carta, com uma poética assertiva, detecta nossas feridas enquanto sociedade e propõe um desfecho inspirador:

### **Trecho da carta do Jailson dos Santos, de Caicó/RN**

*"Sabemos que os artistas têm grande relevância social por serem portadores de uma ética e de uma estética fundamentais em todos os tempos e espaços. O foco de interesse deles coloca na centralidade de seus trabalhos a experiência humana, iluminando, principalmente, os nossos momentos de sombra e violência. Por isso que minhas memórias docentes nesses tempos de pandemia passam, necessariamente, pela valorização da arte e da cultura do Seridó potiguar. Reforçamos as nossas aprendizagens fruindo a produção dos artistas locais por meio das mídias sociais. O sentido de liberdade e de transgressão areja nossos sonhos, nos fazendo rever as questões mais íntimas do humano, enquanto problematizamos os nossos posicionamentos políticos. É a arte, produto laboral dos artistas, que nos tira da realidade, suspendendo a nossa existência, mesmo que momentaneamente. (...)*

*O cenário é nefasto. Mas é preciso seguir firme, mesmo sabendo que 'viver não é preciso'. Sei da importância de educar o outro, de ensinar o outro a olhar, de despertar no outro o sensível dentro de si mesmo. Ao mesmo tempo, preciso (re)educar-me, depurar minha sensibilidade para seguir caminhando, aprendendo o caminho em curso, com os demais. É fundamental para o coletivo adquirir a tão sonhada consciência cósmica, planetária, universal, se desejamos sobreviver. (...)*

*É possível continuar nutrindo os sonhos artistas/docentes mesmo em tempos de opressão e perigo, pois isso renova intimamente os 'sonhos possíveis', como diria Paulo Freire. Poetizando, sigo em busca das utopias que sejam capazes de me fazer 'pro-jetar' lançando-me adiante, na busca, no incabamento, no desconhecido. As certezas deixam de ser confortáveis e já não servem mais. Assim, continuarei aprendendo/ensinando/aprendendo e, também, propagando, difundido, socializando novos saberes para que sejam construídos conhecimentos que nos tragam esperança, do verbo 'esperançar', esperar na ação".*

Um ponto muito importante trazido pelo professor Jailson em sua carta é a relação entre a educação e a arte, com ênfase na valorização da arte e cultura local. A arte, o sonho e a criação de utopias como meios de reavivar nossa sensibilidade, projetar outros horizontes e seguir caminhando, mesmo em tempos difíceis.

Nesse sentido, pensar a questão do cuidado de si é também pensar o cuidado coletivo. Como destaca Jailson, o período da pandemia tem ampliado as noções de compartilhamento, cooperação, colaboração, solidariedade e participação. Afinal, nunca estivemos tão distantes e ao mesmo tempo tão conectados. São tempos em que, para preservar a vida, precisamos do distanciamento e do isolamento, mas também de redes de apoio, de investimento em espaços virtuais de compartilhamento de ideias, da criação de novas parcerias com outras pessoas. Um evento de dimensões tão profundas como a pandemia precisa ser digerido coletivamente para que consigamos imaginar outras estratégias, outros futuros possíveis. Esta publicação, por exemplo, pode ser pensada por esse viés. Uma tentativa de processarmos juntos, no presente dos acontecimentos, os impactos da Covid-19 na vida de cada docente. Assim, a intimidade presente na escrita das cartas aqui reunidas nos permite conhecermos-nos nas palavras uns dos outros e nos provoca a criar a nossa própria narrativa, a abrir passagem para o que o nosso corpo, como um todo, tem a dizer. Mais do que desabaços, os relatos produzem memória e desempenham um papel crucial nos processos de aprendizagem que experimentamos neste novo contexto. Trata-se, por fim, de um passo na direção da construção de espaços onde nossa prática educativa tenha como princípio o cuidado e a partilha.



# LISTA DE IMAGENS

## *Capa*

**Maria Bonomi**

Sem título, 2010

água-tinta e água-forte,  
relevo e roulette sobre papel

## *Páginas 6 - 7*

**Iberê Camargo**

sem título, 1993

guache e lápis Stabilotone  
sobre papel

## *Página 9*

**Iberê Camargo**

Sem título, 1988

tinta de esferográfica  
sobre papel

## *Página 12*

**Cláudia Hamerski**

Praça da Alfândega, 2018

água-forte, água-tinta e  
ponta seca sobre papel

## *Página 17*

**Lia Menna Barreto**

sem título, 2004

água-tinta (lavis)  
sobre papel

## *Páginas 20 - 21*

**Iberê Camargo**

Retrato de Alice Soares, 1993

nanquim e guache sobre papel

## *Páginas 22 - 23*

**Tamara Andrade**

Projeto Lux [pássaros], 2008

água-forte e água-tinta (lavis)

## *Página 26*

**Iberê Camargo**

Autorretrato, 1990

lápiz de cor sobre papel

*Páginas 28 - 29*

**Iberê Camargo**

Ilustração para o conto  
"À beira da lagoa", 1988  
tinta de esferográfica e nanquim  
sobre papel

*Página 30*

**Nuno Ramos**

sem título, 2014  
monotipia sobre papel

*Página 33*

**Iberê Camargo**

sem título, 1985  
grafite e lápis de cor  
sobre papel

*Página 37*

**Teresa Poester**

sem título, 2013  
verniz-mole, ponta-seca e  
água-tinta (processo do guache)

*Página 41*

**Iberê Camargo**

sem título, 1985  
grafite e lápis de cor  
sobre papel

*Página 43*

**Gisela Waetge**

sem título, 2011  
água-forte e água-tinta (lavis)  
sobre papel

*Página 45*

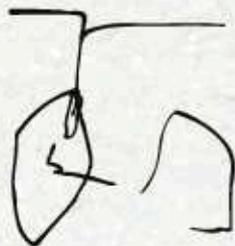
**Iberê Camargo**

sem título, 1989  
nanquim e pastel oleoso  
sobre papel

*Página 47*

**Nuno Ramos**

sem título, 2014  
monotipia sobre papel



Fundação Iberê